



CÂMARA DOS DEPUTADOS

PROJETO DE LEI N.º 2.587, DE 2003

(Do Sr. Júlio Redecker)

Institui o "Cavalo Crioulo" como animal-símbolo do MERCOSUL.

DESPACHO:

ÀS COMISSÕES:

PARLAMENTAR CONJUNTA DO MERCOSUL, EDUCAÇÃO E CULTURA E CONSTITUIÇÃO E JUSTIÇA E DE REDAÇÃO (ART. 54 RICD)

APRECIACÃO:

Proposição Sujeita à Apreciação Conclusiva pelas Comissões - Art. 24 II

PUBLICAÇÃO INICIAL

Art. 137, caput - RICD

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º Fica instituído o "Cavalo Crioulo" como animal-símbolo do MERCOSUL.

Art. 2º Os países integrantes do MERCOSUL , no âmbito de sua programação cultural, realizarão eventos de forma a divulgar a importância do "Cavalo Crioulo" na formação de sua identidade territorial e nacional.

Art. 3º Esta lei entra em vigor na data de sua publicação

JUSTIFICAÇÃO

A instituição de símbolos e ícones constitui elemento fundamental para a afirmação da identidade cultural de um país ou comunidade. Baseado nesse pressuposto, estamos apresentando a presente proposição legislativa que objetiva tornar o "Cavalo Crioulo" o animal símbolo da comunidade econômica do MERCOSUL.

Na Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul, o Deputado Estadual Frederico Antunes apresentou projeto de lei similar que *"inclui o Cavalo Crioulo como animal-símbolo reconhecendo-o, juntamente com o Quero-Quero, como Patrimônio Cultural do Estado do Rio Grande do Sul"*.

Geralmente, os bens materiais e imateriais que formam o patrimônio histórico-cultural de um povo não são percebidos à primeira vista – são bens que formam uma memória coletiva, transmitindo os modos de fazer, criar e viver de um povo e de uma geração a outra. Geralmente, refletem valores que estão difusos em toda a comunidade, que, de uma forma ou de outra, comungam, e, de um modo geral de maneira inconsciente e imperceptível.

O desenvolvimento de um País não pode ser aferido somente por fatores de crescimento econômico. Devem ser levados em consideração a qualidade de vida e o nível cultural do povo- um fator que até pouco tempo passava despercebido, especialmente para os economistas e tecnocratas. É evidente que a

expressão cultural aqui empregada não é no seu sentido restrito de produção artística, mas em sentido amplo. Isto é, em sentido antropológico como modo de ser, pensar e agir de um determinado grupo social, e a consciência e identidade que esse mesmo grupo tem sobre a seu passado e sua história.

Não seria incorreto dizer que a qualidade de vida está diretamente relacionada com o grau de cultura que o grupo humano possui, isto é, de consciência da sua identidade histórica. Esse fator cultural demonstra a elevada auto-estima e o amor próprio que esse grupo possui.

A história de um povo é a história de seus homens e de suas mulheres comuns que, no seu cotidiano de vida e trabalho, constroem a identidade da nação. Ficará incompleta se for contada só pelos feitos dos seus heróis e personalidades públicas. Será imparcial, se escrita somente pelo ponto e vista da sua elite dirigente. Somente será completa se abordar, principalmente, os seus personagens anônimos e desconhecidos, que formam a grande e imensa maioria dos integrantes do povo.

Assim, a narrativa da história de um povo ficará incompleta se não houver uma referência aos seus mascotes, isto é, aos animais de estimação. Isto por que todos os povos sempre mantiveram animais de estimação. Mesmo no Hemisfério Sul, desprovido de animais domésticos utilitários, todas as culturas possuíam animais de estimação. Até as sociedades indígenas brasileiras, mesmo antes do início da colonização portuguesa, já tinham animais de estimação, como macacos e papagaios.

Os povos que tiveram sua identidade cultural formada a partir da atividade do pastoreio, o cavalo e o cão assumem um papel importante no imaginário coletivo da população. Isso se observa mesmo quando a sociedade deixa de ter um perfil sociológico rural e agrário, e passando para o urbano e industrial, o vínculo criado entre o homem e seus cavalos e cães não se rompe. Pelo contrário, apenas assume nova forma. A prova disso está na data maior do Rio Grande do Sul - o 20 de setembro - quando se comemora a "Semana Farroupilha", sendo a cavalgada o ponto alto que os gaúchos usam para honrar e preservar seu passado e suas tradições históricas.

Nesse contexto de análise histórica, a exemplo da maioria dos povos que tiveram sua origem em sociedades do tipo rural e agrária, o povo rio-grandense também forjou os alicerces de sua sociedade civil, na zona rural, seja no campo ou serra. Não foi a cidade o marco referencial da identidade do gaúcho. Por isso, as tradições do Rio Grande do Sul estão alicerçadas no campo.

Não seria incorreto afirmar que contar a história de uma raça de cão e de cavalo é narrar a história de seus donos, e nem poderia ser diferente no Rio Grande do Sul, onde o vínculo entre o gaúcho e os seus mascotes – cão e o cavalo - assumiu, ao longo da história, uma dimensão afetiva para o povo gaúcho. Isso reflete-se na diversidade genética do cão e do cavalo, originando as diversas raças existentes. Trata-se de um processo que resulta da intervenção humana, mas onde as leis da natureza, especialmente a lei da seleção natural, são aplicadas com rigor. Pode-se dizer que essa intervenção humana gerou essa multiplicidade racial, onde os espécimes selecionados adquiriam as características desejadas por seus donos. Essas “características selecionadas” refletem valores culturais, isto é, a maneira de ser, pensar e agir de um povo.

O "Cavalo Crioulo", o eterno “pingo” do gaúcho, companheiro de todas as horas, assim como as raças caninas crioulas nascidas no Rio Grande do Sul, como o "Cão Ovelheiro Gaúcho" e o "Bulldog Campeiro", isto é, nativas, são a prova viva do que está sendo exposto.

Todas as raças eqüinas desenvolvidas no Novo Mundo descendem em menor ou maior grau do cavalo ibero, cuja versão moderna e mais refinada são as raças Andaluza e Lusitana, como resultado de uma multissecular mistura de cavalos Taipas, oriundos das florestas do Norte da Europa, com os cavalos de deserto, como as raças árabe e barbo. Foi introduzido pelos espanhóis e portugueses na época do Descobrimento da América. Junto com as armas de fogo, o cavalo foi a chave do sucesso das vitórias européias contra os povos nativos.

A raça eqüina, que hoje conhecemos como "crioula", é produto de uma longa evolução e adaptação natural do cavalo ibero aos Pampas da América do Sul. Teve como origem remota os animais que Dom Pedro de Mendonza, um dos conquistadores espanhóis, utilizou para conquistar a região do Prata. Quando foi expulso de Buenos Aires pelos indígenas, Mendonza foi obrigado a deixar livre inúmeros animais, que se tornariam “bagaiais” ou “chimarrões” e se espalhavam por

todo Pampa. Reproduzindo-se livremente sem qualquer interferência do homem esses animais foram em direção ao Chaco argentino, à Cordilheira dos Andes, à Patagônia e ao próprio Rio Grande do Sul.

No entanto, não foram só os animais deixados por Dom Pedro de Mendonza que contribuíram para a formação do cavalo Crioulo. Animais mansos, também de sangue Ibero, vindos do Paraguai, Peru, Chile, Bacia do Prata, etc. acabaram escapando de seus criatórios e juntaram-se às manadas de baguais. Em contrapartida, muitos baguais passavam a ser capturados e, depois de amansados, passavam a servir no trabalho das estâncias e também na reprodução com os animais adestrados. Valeram-se muito desses animais, os índios Araucanos, exímios cavaleiros que faziam costumeiramente trocas de animais que capturavam de um lado da Cordilheira e transportavam para o outro onde trocavam com os civilizados.

No Rio Grande do Sul, o início da formação da raça crioula teve a participação dos Padres da Companhia de Jesus. Os Jesuítas capturavam os baguais semi-selvagens e os usavam durante a formação das Missões no território do Continente do Rio Grande de São Pedro, na época ainda território da Coroa Castelhana. Em 1546, outro colonizador, Dom Álvaro Nunes Cabeça de Vaca, chega em Santa Catarina com destino ao Paraguai trazendo 46 animais. Destes, apenas 20 chegaram ao seu destino final. Mesmo com esse pequeno número, eles passaram a contribuir de forma efetiva na definição do "Cavalo Crioulo" de então. Portanto, os baguais ou chimarrões que se espalharam por toda a América Latina acabaram forjando o "Cavalo Crioulo".

Durante os quatro séculos que se seguiram, esses animais passaram pelo pior crivo de seleção mais eficaz existente: a natureza. Enfrentando tempestades, temperaturas altas que atingiam muitos graus centígrados no Chaco argentino ou as baixíssimas temperaturas da Cordilheira dos Andes, enfrentando as dificuldades impostas pelo pântano, os animais que conseguiram sobreviver se transformaram em cavalos rústicos e altamente resistentes. As feras selvagens, a ambição dos homens, tanto brancos como os índios e nenhuma intempérie da natureza fez com que eles desaparecessem.

No Rio Grande do Sul, a criação de Cavalos Crioulos tornou-se tão importante que a eles são atribuídas as bases históricas e econômicas deste

Estado da Federação brasileira, além, é claro, da origem das bonitas festas campeiras. Como diz Sérgio Lima Beck: ***“Esse cavalo, juntamente com certos usos e costumes, conseguiu aquilo que os caudilhos e os políticos não conseguiram com muitos anos de guerras e revoluções: nos dois lados do Prata o Crioulo uniu os homens em torno de um ideal comum. Na realidade, o Gaúcho e o Crioulo são duas imagens quase inseparáveis.”***

A partir do início do século XX, o movimento de preservação do cavalo Crioulo contagiou os brasileiros, especialmente os rio-grandenses. Mas foi somente no ano de 1932 que o número de criadores adeptos do cavalo rústico e autêntico conseguiram fundar a Associação Brasileira, ocasião em que foi aberto um livro de registros, base para a formação da raça em nosso país. Os critérios adotados seguiam os mesmos dos países vizinhos, principalmente da Argentina e do Uruguai.

No ano de 1944, Buenos Aires sedia um grande número de criadores da raça que representavam os diversos países da América Latina: Desta reunião, nasceu a "Federação Interamericana de Crioulos", que tinha por objetivo principal a recuperação e preservação maciça do "Cavalo Crioulo" da América. Em 1959, durante a quarta reunião da Federação, foi estabelecido o standard da raça para toda a América, sucumbindo os estabelecidos individualmente pelos países.

A partir da fundação da Associação Brasileira intensificou-se a seleção do "Crioulo" no Rio Grande do Sul. Mais recentemente, a criação de cavalos Crioulos começou a espalhar-se por outras regiões brasileiras. Em São Paulo, no ano de 1983, nascia mais um núcleo da raça. Homenageando Emílio Mattos esta entidade reúne criadores de várias regiões e hoje é uma das maiores representações da raça fora do Estado gaúcho.

A Associação Brasileira de Criadores do Cavalo Crioulo (ABCCC) completa neste ano setenta e um anos de existência – é a mais antiga associação de cavalos oficializada no Brasil. Hoje, o número de fêmeas do rebanho ultrapassa a casa dos 80 mil animais, e mais de 135 mil produtos desta raça têm seu registro no Stud Book da ABCCC. O número de proprietários também aumenta aceleradamente, passando hoje a casa dos 20 mil. Também a contribuição da raça aos empregos diretos e indiretos ultrapassa 400 mil postos de trabalho.

Nos países que integram o MERCOSUL, em especial no Uruguai, Paraguai e Brasil, os Cavalos Crioulos ocupam espaços cada vez mais destacados dentro da equinocultura. No Peru, o típico "Cavalo de Paso", afirmam alguns, nada mais é que um Crioulo peruano. Isoladamente alguns outros países latinos, a exemplo do Chile e até mesmo os Estados Unidos e Europa possuem exemplares da raça, contudo, sem expressão significativa. Cabe aos países da América do Sul a supremacia da criação.

O "Cavalo Crioulo" não só se identifica com a *psique* histórica do gaúcho do Sul do Brasil, mas é um verdadeiro símbolo vivo da integração latino-americana, motivo pelo qual presta-se a presente homenagem e reconhecimento, elevando-o à categoria de animal-símbolo do MERCOSUL.

Sala das Sessões, em 25 de novembro de 2003.

Deputado **JÚLIO REDECKER**

FIM DO DOCUMENTO
